

2

A sala de aula

*“Eis uma realidade
que contém muitas realidades”*
(Morais, 2002)

2.1

Introdução

A sala de aula é um evento de diferentes tipos e dimensões. *A priori*, o conceito de sala de aula não nos permite imaginar muito além de paredes, carteiras e quadro. Entretanto, esse modelo não dá conta de explicar toda a verdadeira e complexa diversidade da vida em sala de aula. Definir uma sala de aula não é tão fácil como pode parecer, pois ela está situada em um contexto muito abrangente, que abarca não só o objeto de estudo em si, mas também uma grande diversidade de papéis sociais. Na verdade, somente um somatório das idéias dos participantes desse contexto seria capaz de se aproximar de uma possível definição. De fato, parece simples, mas os processos envolvidos nessa prática são muito complexos e intrigantes.

É necessário, então, desdobrarmos nossos olhares no que tange ao (pré) conceito de sala de aula e buscarmos vários ângulos para melhor analisá-la. Tradicionalmente, a sala de aula ocupa o lugar onde se desenvolvem as faculdades mentais, sendo, assim, sinônimo de instrução e educação. O termo educar, etimologicamente, significa “levar de um lugar para outro” (Novaski, apud. Morais, 2002: 12). Logo, o “meu interlocutor me leva para sua perspectiva, eu o trago para a minha, e assim o conteúdo de nossa conversa vai se acumulando de informações enriquecedoras” (ibid). Há aqui, portanto, um pluralismo de idéias, em que a sala de aula não seria somente um lugar cerceado onde o conhecimento é repassado, mas sim um lugar de **transição**, de **complementação** e de **troca** entre os participantes desse contexto social.

Assim, faço minhas as palavras de Novaski (apud Morais, 2002: 15) que diz: “Para que serve uma sala de aula se não for capaz de me transportar além da sala de aula?”.

Em uma abordagem simplista, as salas de aula típicas são definidas como construções retangulares, com janelas de um lado, um quadro-negro na frente e uma porta perto da frente, na parede; onde há também um professor, geralmente posicionado na frente e no centro dos alunos, que se posicionam sentados em fileiras ou semicírculo (Erickson, 2001).

Entretanto, essa aparente superficialidade na visão de sala de aula não é suficiente para representar sua natureza complexa. Segundo Kuschnir (2003), “devemos considerar a sala de aula como um ambiente de interação e aprendizagem, onde um misto de atividades ocorrem simultaneamente” (ibid: 26).

A idéia de sala de aula deve transcender o espaço físico, que obviamente tem sua relevância também, e abarcar a importância das relações humanas que acontecem nesse âmbito. Esses encontros podem ser considerados o ponto chave de onde serão originados todos os desdobramentos no que tange o conceito de sala de aula. E, o meio pelo qual essa interação em sala de aula acontece é a linguagem e o discurso cotidiano.

“O conhecimento geral que temos delas [as salas de aula] é um referencial inadequado para compreender o que se passa em cenas cotidianas particulares que ocorrem em salas de aulas particulares. Nossa crença de que já conhecemos as salas de aula - como futuros professores, professores experientes, administradores e técnicos educacionais - cega-nos para as nuances da particularidade na construção local da interação cotidiana como ambiente de aprendizagem” (Erickson, 2001: 10).

Ao observarmos a sala de aula, um dos aspectos mais importantes a ser considerado é a heterogeneidade da qual ela se constitui. Mesmo aulas formadas por grupos da mesma classe social, num mesmo local, não seriam homogêneas. Na verdade, é essa mistura que vai definir a sala de aula como um evento particular e único dentro de um contexto.

A visão de que tanto o aluno quanto o professor são importantes para haver ensino, contribui de forma significativa para a interação desses participantes. A presença de ambos é crucial para um modelo de sala de aula cuja

contribuição é importante. Afinal, segundo Freire: “não há docência sem discência” (Freire, 1996: 23).

Tentando dar conta de toda essa diversidade que caracteriza a sala de aula, muitos pesquisadores demonstraram interesse nessa área ao longo dos anos (Allwright & Bailey, 1991; Erickson, 2001; Kramer, 2002; van Lier, 1996). Seria impossível negar a importância desses estudos para um melhor entendimento do que é sala de aula, bem como seu funcionamento e peculiaridades.

2.2

A importância da sala de aula

A sala de aula é um espaço único que pode ser definido como “a reunião, por dado período de tempo, de duas ou mais pessoas (um dos quais geralmente assume o papel de instrutor) com propósitos de aprender uma língua” (van Lier, 1996: 47).

Apesar do foco dessa pesquisa analisar a sala de aula de língua inglesa, os conceitos aqui apresentados não se restringem somente a esse contexto. Assim, a sala de aula é o espaço crucial, como assinala Gaies (1980, Apud Allwright & Bailey, 1991: 18), pois é lá que alunos e professores reúnem suas expectativas e objetivos com a finalidade de que o aprendizado aconteça. Entretanto, esse resultado depende, em muito, da reação dos participantes envolvidos nesse contexto, já que os mesmos não “entram de mãos vazias”³ (ibid: 18).

Segundo Allwright & Bailey (idem), os alunos trazem consigo suas aspirações, experiências de aprendizagem e suas próprias razões para estarem lá. Desse modo, somente uma constante interação entre alunos e professores pode fazer essa “engrenagem” (cf: Kuschnir, 2003) funcionar bem. E, é através das reações que acontecem nesse espaço, que o professor vai “estruturando” cada aula e buscando a melhor maneira para ajudar os alunos a aprenderem. Allwright & Bailey (idem) ainda ressaltam que, apesar de o professor ser o responsável pela aula, tudo depende da colaboração dos alunos, que consciente ou inconscientemente, têm poder sobre ela.

Segundo Stubbs (1992), há muitas razões para estudar e pesquisar a sala de aula, e a principal delas é que ela é o ambiente natural em que o verdadeiro discurso entre professor e aluno acontece. Por muitos anos, os estudos de sala de aula focalizaram com muita ênfase os fatores externos, buscando dar conta de explicar o sucesso e o fracasso dos alunos, sem observar a sala de aula em sua natureza própria (Stubbs, 1992). Compreende-se, então, que, na tentativa de explicar os fenômenos que acontecem em sala de aula, devem-se considerar tanto os fatores externos como os internos e suas influências no contexto de sala de aula.

Como profissionais da área pedagógica, devemos lançar um olhar cuidadoso e também curioso para a sala de aula. Somente participando ativamente das atividades de classe e buscando um melhor entendimento acerca de seu funcionamento é que será possível decifrar todos os desdobramentos em termos de ações e reações que ocorrem no espaço escolar.

2.2.1

O foco no aprendizado

Mesmo dando os créditos devidos às interações sociais e às relações afetivas aparentes em sala de aula, é igualmente importante lembrar que o objeto maior de todo esse aparato educacional é o aprendizado. De acordo com Allwright & Bailey (1991),

“nós não gerenciamos a interação pura e simplesmente. Nós gerenciamos interação na sala de aula de línguas com o objetivo de promover as melhores oportunidades possíveis para o aprendizado dessa língua”⁴ (Allwright & Bailey, 1991: 21).

Assim, entendo que tanto a interação (cf. item 3.1.2), que acontece em sala de aula, como o aprendizado estão sempre ligados e que, nesse contexto, a

³ No original: “go in empty-handed.” (Allwright, 1991: 18)

atmosfera da sala de aula será o meio pelo qual os alunos sentem e aprendem todo o mecanismo de funcionamento desse espaço. É igualmente importante ressaltar que, independentemente do trabalho do professor em sala de aula, o que os alunos irão aprender vai depender, principalmente, da interação, como visto anteriormente, assim como de sua capacidade de aprender com as oportunidades que vão surgindo em sala de aula (Allwright & Bailey, 1991: 22).

Como apontado por Palmer (1998), a distância que existe entre ensinar e aprender acontece principalmente por medo. É importante ressaltar, segundo Palmer (1998), que, como emoção e intelecto caminham juntos para que o aprendizado ocorra, para alcançar a mente / intelecto do aluno, o professor deve se interessar também pelos seus sentimentos e objetivos, como um facilitador do ensino (Palmer, 1998).

O contexto educacional é repleto de paradoxos, como apontado por Palmer (Idem) que diz:

“Nós separamos a teoria da prática. Resultado: as teorias não têm muito a ver com a prática e sua compreensão. Nós separamos ensino de aprendizagem. Resultado: professores que falam mas não escutam e alunos que escutam mas não falam”⁵ (Palmer, 1998: 66).

Desse modo, devemos entender que o resultado de um aprendizado bem sucedido depende não só de questões pedagógicas como também sentimentos e emoções.

2.2.2

Oportunidades de aprendizado

Por um longo tempo o processo de ensino e aprendizagem foi visto com muito mais ênfase nos “pontos de ensino” (*teaching points*) selecionados e preparados pelo professor para serem apresentados aos alunos. Entretanto, devemos ver o sucesso do processo de aprendizagem focalizando o que realmente

⁴ **Texto original:** “We do not manage interaction purely for its own sake. We manage interaction in the language classroom for the sake of giving everyone the best possible opportunities for learning the language” (Allwright & Bailey, 1991: 21).

⁵ **Texto original:** “We separate theory from practice. Result: theories that have little to do with life and practice that is uninformed by understanding. We separate teaching from learning. Result: teachers who talk but do not listen and students who listen but do not talk” (Palmer, 1998: 66).

o aluno assimila como objeto de estudo e como isso acontece. Não seria possível assim, prever o que o aluno apreende a partir de determinado conteúdo, e nem tão pouco seria fácil medir esse conhecimento, já que haveria inúmeras oportunidades de aprendizado envolvidas nesse contexto (Allwright, 2003: 2).

“O que alunos aprendem numa sala de aula é bem menos do que a soma dos pontos ensinados pelo professor, mas o que eles podem e poderiam aprender numa aula também é, potencialmente, e quiçá rotineiramente, muito mais do que a soma dos pontos dados em aula”⁶ (Allwright 2003: 2).

Para Allwright & Bailey (1991), uma das maneiras de “olhar” a sala de aula é através de seus desdobramentos que resultarão em inúmeras oportunidades de aprendizado. Essas oportunidades devem ser então associadas com o grau de receptividade assim como o ambiente da aula.

“Oportunidades de aprendizado podem ser descritas em duas maneiras diferentes: como oportunidades de *fazer* algo com o que você está tentando aprender – ‘*oportunidades de prática*’; ou simplesmente como oportunidades de *encontrar* o que você está tentando aprender – ‘*oportunidades de input*’”⁷ (Allwright & Bailey, 1991: 23).

Segundo Allwright & Bailey (1991), o termo *oportunidade de aprendizado* não é um indício de que o aprendizado propriamente dito aconteça, sendo assim um termo neutro no processo de ensino e aprendizagem. “Esse termo abrange oportunidades criadas tanto pelo professor como pelos alunos e ainda oportunidades criadas por acaso e deliberadamente planejadas” (Allwright, 2003: 5). Essa oportunidade, como afirma Allwright (2003), pode ainda ocupar somente um breve momento da aula, mas pode ser igualmente apropriada para as decisões tomadas acerca do curso.

Allwright (ibid) sugere que as oportunidades podem ser descritas como tendo características *cognitivas*, *afetivas* e *sociais*. Essas três abordagens serão

⁶ **Texto original:** “What learners *do* learn from a lesson is going to be less than all the teacher’s teaching points, but what they can and might learn from a lesson is also potentially, and perhaps normally, a lot richer than just the sum total of the teacher’s teaching points” (Allwright, 2003: 2).

⁷ **Texto original:** “Learning opportunities can also be seen as being describable in two different ways: as opportunities to do something with whatever one is trying to learn – ‘practice opportunities’; or simply as opportunities to encounter what one is trying to learn – ‘input opportunities’ (Allwright & Bailey, 1991: 23).

estudadas mais detalhadamente no próximo capítulo, porém antecipo alguns conceitos com o intuito de melhor exemplificar as oportunidades de aprendizado citadas por Allwright (2003). As oportunidades de aprendizado do tipo cognitivas podem se dividir em oportunidades de encontro, quando o aluno experimenta a oportunidade, como o próprio nome já diz, de “*encontrar*” (Allwright, 2003) algum material que seja significativo para seu aprendizado; e oportunidade de “*processar*” (Allwright, 2003), na qual ele tem a chance de produzir algo com o material de estudo. Um bom exemplo dessa última oportunidade é a correção dos erros na produção oral, que é o foco desta pesquisa.

As características afetivas das oportunidades de aprendizado podem ter para os alunos associações negativas, neutras, ou positivas. Allwright & Bailey (1991) citam o exemplo da ansiedade dos alunos no momento em que têm que participar de algum exercício, ou ainda do fato de alguns alunos não suportarem falar sobre sua vida particular, enquanto outros se sentem muito à vontade.

Considerando suas características sociais, as oportunidades de aprendizado são eventos públicos (cf: Allwright, 2003: 9), que envolvem muito mais do que o professor e um aluno. Elas tendem a ser eventos multipessoais (cf: Allwright, 2003: 9), ou seja, podem envolver outros participantes da aula.

Baseio-me em Allwright (2003) com o objetivo de melhor exemplificar essas características sociais. Allwright (ibid) considera que,

“... em qualquer ocorrência de correção de erros orais, é muito provável que tenhamos uma dimensão social. Por exemplo, apesar de não importar-se com um erro que cometeu, você pode incomodar-se caso alguém comece a rir do que você fez. E se você já se sente humilhado por cometer um erro, ser corrigido em público pode somatizar essa humilhação”⁸ (Allwright, 2003: 9).

É igualmente importante enfatizar que os resultados de uma aula não são simplesmente o reflexo do método escolhido pelo professor, mas sim o reflexo dos processos de interação que ocorrem em sala de aula. É justamente nos momentos de interação que as oportunidades de aprendizado acontecem. Novamente cito o exemplo da correção dos erros orais como um momento em que

⁸ **Texto original:** “... any occurrence of error correction is very likely to have a social dimension. For example, although you may not care about a mistake you have made, you may care if everyone else laughs at you for making it. And if you do already feel humiliated inside for making a mistake, to have it corrected in public may simply add to your humiliation” (Allwright, 2003: 9).

o aluno tem a oportunidade de aprender, praticando com partes da língua estrangeira, ouvindo e repetindo ou utilizando técnicas de aprendizado (Allwright & Bailey, 1991: 23).

Sendo assim, Allwright & Bailey (ibid) ressaltam que devemos aceitar que há momentos em que o aprendizado acontece independentemente de nossa interferência como educadores e, em outros momentos, não importa o quão atencioso e cauteloso o professor seja, o aprendizado não acontece. Desta forma, faço minhas as palavras de Allwright, considerando as oportunidades de aprendizado como a unidade de análise mais apropriada para esse contexto.

Finalmente, acredita-se que buscar entender a vida em sala de aula significa entender melhor o processo de aprendizagem, bem como as relações sociais, pessoais e afetivas que se desdobram entre professores e alunos em sala de aula. Dessa forma, poderíamos entender a sala de aula não somente como um espaço físico, mas como sinônimo de Educação e de troca de experiências. A sala de aula seria então considerada o meio onde o discurso cotidiano acontece e se faz importante. Seria considerada um ambiente heterogêneo, mas cujas diferenças seriam importantes para o desenvolvimento individual de cada aprendiz. Faz-se importante ainda ressaltar que esse espaço crucial para o processo de aprendizagem é o contexto em que a reunião de participantes com objetivos em comum permite o aparecimento das oportunidades de aprendizado (cf: Allwright & Bailey, 1991), o que facilitaria e tornaria possível a Educação.